

Juruna é expulso da aldeia

Apesar de a maioria dos deputados oposicionistas, membros da Comissão do Índio, estar presente à sessão de 30 de agosto, em Brasília, para tentar impedir a aprovação de um parecer favorável ao projeto de lei de Mozarildo Cavalcanti (PDS-RR), que abre a área dos Yanomami à invasão das mineradoras, faltava ali uma das pessoas mais importantes para o andamento das discussões. A cadeira do presidente daquela Comissão permanente da Câmara dos Deputados estava vazia. Mário Juruna tinha viajado para a área dos Pataxó Hã-Hã-Hãe, no sul da Bahia, num avião fretado pelo grileiro Gêner Pereira da Rocha. Com Juruna, foram três deputados baianos - nenhum deles pertencente à Comissão do Índio: Fernando Gomes (PMDB) e Jorge Viana (PDS), representantes dos cacauicultores que invadiram e estão ocupando as terras indígenas; e França Teixeira (PDS), ligado ao Serviço Nacional de Informações.



Nilton Muniz

Para Juruna, "não existe índio lá; é tudo caboclo de cabelo enrolado"

O que Juruna teria ido fazer lá? Por que não consultara nenhum dos deputados da subcomissão que acompanha o caso pataxó hã-hã-hãe da Câmara, antes de tomar essa decisão? Em novembro do ano passado, quando vários deputados da Comissão do Índio foram à área, Juruna não acompanhou o grupo, alegando que havia recebido ameaças de morte, dos fazendeiros. O que teria feito o parlamentar índio mudar de opinião?

Muitas eram as dúvidas,

naquela sessão da Comissão do Índio. Os comentários eram os mais diversos: Juruna e seus companheiros de viagem haviam sido seqüestrados pelos índios; o deputado Xavante recebera muito dinheiro dos fazendeiros invasores das terras pataxó, para ir até lá e convencer os 800 indígenas a se mudarem para um parque do IBDF, no município de Una, ou renunciarem a seu direito às terras, desocupando-as para os cacauicultores, em troca de uma indenização em dinheiro. Alguém lembrava que,

apesar de Juruna ter enviado à Funai uma carta pedindo a demissão de sua esposa Doralice (ver *PORANTIM* nº 65), ela continuava contratada na autarquia com secretária nível III, ganhando alto salário sem comparecer ao serviço.

Alguns desses comentários seriam confirmados, no final do mesmo dia 30, com o regresso dos quatro parlamentares. Ao descer do avião, Mário Juruna reafirmou as declarações que fizera em Pau Brasil, para uma platéia

de 500 fazendeiros, reunidos no Sindicato Rural do município onde está a maior parte do território dos Hã-Hã-Hãe. Juruna disse que "não existe índio lá; é tudo caboclo de cabelo enrolado". E acrescentou: "Saracura e Samado (líderes dos Pataxó Hã-Hã-Hãe) também não são índios. São criadores de caso. E, se depender de mim, eu retiro todos aqueles caboclos da área".

Quem ouviu essas declarações de Juruna, reproduzidas em enormes manchetes nos jornais de todo o País, não pôde deixar de associá-las aos tristemente célebres "critérios biológicos de indianidade" elaborados pelo coronel Ivan Zanoni Hausen, em sua passagem pela Funai. Ao mesmo tempo, fica a dúvida: seria Juruna o mesmo deputado que por um triz não teve seu mandato cassado, em setembro de 83, por ter chamado de "ladroes" o presidente da República e os ministros, nomeio de um caloroso discurso em defesa dos Hã-Hã-Hãe? (ver *PORANTIM* n.º 57).

EXPULSO DA ALDEIA

O que aconteceu na Fazenda São Lucas, único pedaço (1200 hectares) que os Pataxó Hã-Hã-Hãe já recuperaram dos 36 mil hectares que lhes foram roubados? Juruna chegou lá, com os outros três deputados e uma comitiva de fazendeiros, invasores do restante da área. Os índios, revoltados com a presença dos fazendeiros, cercaram os oito carros, tomaram as armas que alguns dos homens levavam e apedrejaram os veicu-

los, expulsando a todos. Apenas Juruna ficou, para conversar com os Pataxó. Mas, quando ouviram as propostas dos fazendeiros, transmitidas pelo deputado Xavante, os índios, liderados por Nelson Saracura, ficaram profundamente irritados e expulsaram também Mário Juruna.

Foi uma decisão muito grave, para quem está resistindo numa pequena ilha, cercada de agressão por todos os lados, mas não viram outra saída depois de ouvir, na discussão, Juruna dizer que "quem votou em mim foram os brancos e, por isso, tenho que defender o direito dos brancos".

Na região, instalou-se, há semanas, um clima de guerra. Contra as pedras dos Hã-Hã-Hãe, os fazendeiros andam ostensivamente armados e armam um exército de jagunços. Um potente equipamento de rádio, instalado perto da reserva, intercepta as comunicações entre os índios e a Funai, em Brasília. Na cidadezinha de Pau Brasil, dezenas de fazendeiros estão instigando abertamente a população a atacar os índios. E, na Capital Federal, os Pataxó Hã-Hã-Hãe já não podem contar com Mário Juruna, o único deputado índio em toda a história do Brasil.

Mas esse povo indígena resiste, na pequena porção de terra já reconquistada, de onde os fazendeiros querem expulsá-los. E os Pataxó Hã-Hã-Hãe sabem que a luta ainda está longe de terminar: há outros 35 mil hectares, ainda, a recuperar.

De vários povos, o apoio aos irmãos

As declarações de Juruna, contra os Pataxó, tiveram imediata repercussão em todas as comunidades indígenas. Já no dia seguinte, 31 de agosto, a União das Nações Indígenas (UNI), em nota oficial, reforçou o apoio à luta dos Hã-Hã-Hãe e exigiu "maior respeito e prudência quando alguém queira fazer a definição sobre as tribos indígenas, porque cabe a cada tribo, e somente a ela, fazer sua autodefinição de índio ou não".

Dia 1º de setembro, 33 líderes indígenas, representando 18 povos, reuniram-se no Núcleo Bandeirante, Distrito Federal, e fizeram uma nota conjunta à imprensa e à Comissão do Índio da Câmara dos Deputados. As vozes de líderes do Parque Indígena do Xingu se uniram às de seus irmãos, índios do Nordeste, do Pará, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo, para repudiar a declaração injuriosa que o deputado França Teixeira

(PDS-BA — leia-se SNI) deu quando voltou da área pataxó. O parlamentar disse que os indígenas eram "animais".

Uniram-se também para declarar que, "sentindo a dor em nossas peles, perguntamos ao deputado federal do PDT-RJ, Mário Juruna, quanto foi que custou para ele nos declarar que "não existe mais índios no PI Caramuru e em todo o Nordeste". Em troca de que o deputado Mário distorce a nossa identidade com denominação de "caboclos"? Perguntamos se ele aceita, hoje, os filhos dele com branca não serem mais Xavante, e por que é que quem não é Xavante tem o corte de cabelo xavante? Será que o deputado Mário Juruna aceita isso? E se os filhos dele quiserem ser Xavante puros, será que o deputado lhes impediria? ..."

"Condenamos — dizem ainda na nota — as atitudes dos deputados federais Jorge Viana e Fernando Gomes

(PMDB) e França Teixeira (PDS) e do grileiro Gêner Pereira da Rocha, que é coação genocida contra os índios Pataxó Hã-Hã-Hãe. Discordamos da amizade estranha do deputado Mário Juruna, porque não é esse o objetivo do PDT: sustentar a oligarquia repressiva contra a maioria do povo brasileiro (índio, negro e o pobre favelado que não tem terra). Esperamos a auto-reflexão do deputado Mário Juruna, porque nem mesmo os demais Xavante ficariam calados diante de manifestação como essa, isto é, quando o Juruna favorece claramente os inimigos dos índios e que foi levado de avião por uns deputados que não gostam de índios".

Quase no final da nota os índios exigem que, para Juruna, "comprovar se "é puro mesmo, como se declara, demonstre uma coisa concreta para a sociedade brasileira: não fique do lado dos malufistas".



Paulo Sues

Juruna e Pataxó: aliança quebrada